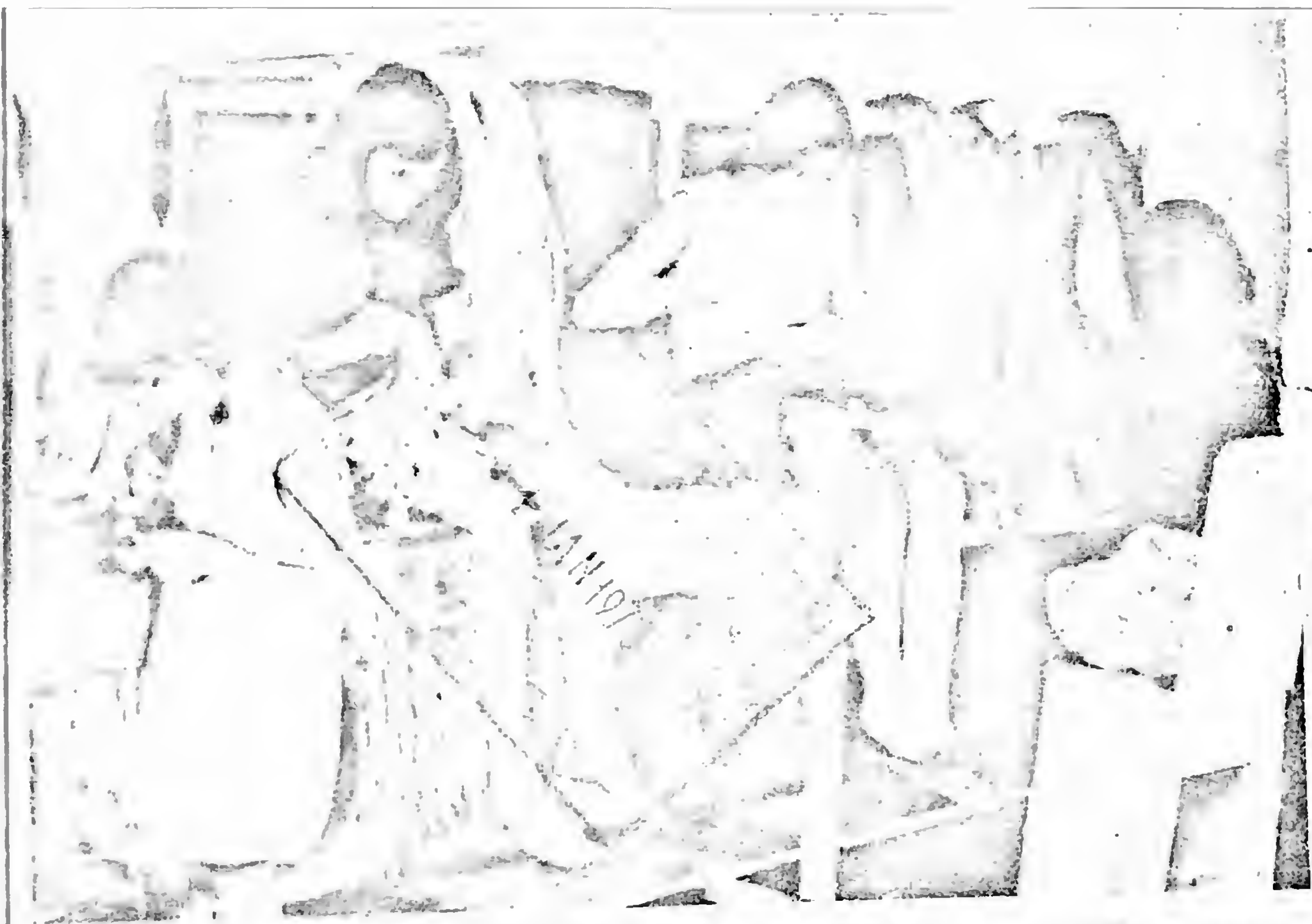




Muitas crianças aprendem a costurar e bordar, juntamente com os seus estudos normais.

Nesta creche há muito amor: só falta dinheiro

Um dia, não faz muito tempo, quando as quatro professoras que sonharam criar um lar para crianças abandonadas — e criaram — puderam ter a certeza de que três rústicas casas no bairro pobre do Rio Pequeno estavam pagas, foi uma festa. Lavaram o coração com as lágrimas de alegria que as 65 meninas internadas enxugaram com beijos. Mais uma pedra no caminho, mais uma pedra afastada. Mas as pedras são tantas, que só a crença em Deus e na sua misericórdia impedem que o animo se abata. É comum faltar dinheiro para pagar a conta de luz. Entre a luz e a comida, as professoras preferem não privar as crianças de alimentação. De arroz, de feijão e da verdura. As crianças adoram tudo. Elas vivem num lar, não em um depósito. Parecem felizes. As mais novas não brincam com bichos de pelúcia. Brincam com cachorros mesmo, o "Cacique", entre outros.

UM BRAVO

Esse "Cacique", um vira-lata, sabe defendê-las. Perceberam, um dia, que "Cacique" era assim, destemido e bravo, a rosnar quando alguém, fingindo hostilizar as pequenas, se aproximava. E foi por isso que ele ganhou maior estima. Mas a amizade das crianças se estende aos gatos magros da casa, aos periquitos, sabiás e pintassilgos,



Há um vínculo na creche: é o amor. E este as crianças os transmitem bem cedo.

abrangendo uma arara de olhos parados, desconfiada.

As pequeninas brincam o dia todo. As mais velhas trabalham, revezam-se na cozinha, na limpeza. Mas o forte, é o trabalho para uma indústria de fios elétricos. Essa indústria paga o que pagaria a operarias de bom nível no acabamento de parte de seus produtos. Com esse dinheiro, as professoras que criaram a casa, têm pão e leite garantidos.

RECEITA DE CARIDADE

Para sustentar uma família tão numerosa, para alimentar, para vestir, para calçar, vai um dinheirão. As crianças já se habituaram à condição de pobreza, as mais velhas também se preocupam com as mais novas. A casa é um lar, um lar imenso, em que os problemas do cotidiano são colocados com franqueza. As professoras estão criando crianças que não são ligadas a elas por parentesco, mas por um vínculo mais profundo, o vínculo do amor. Elas já fizeram uma festa modesta de casamento de uma das primeiras meninas que acolheram e educaram. Vão ensinando as meninas e algumas já frequentam o ginásio e quase todas aprendem a bordar, a costurar e algumas a pentear. Um salão modesto funciona na casa. No bairro, criaturas de boa formação, ajudam com trabalho, uma senhora dá uma hora por dia, em serviço de ensino de costura, a costurar com trapos roupinhas p'ra bonecas porque não é sempre que há pano para fazer roupas. Por tudo isso que se vê e se sabe, vai uma receita para o exercício da caridade. Tudo que for destinado a essa casa, Creche da Sociedade Civil Missionarias da Santíssima Trindade, cujo endereço é rua José Joaquim Seabra, 26, travessa que começa em frente à Padaria Azul, na av. do Rio Pequeno, será recebido com alegria. Quem quiser conhecer as crianças, vá lá. Quem não quiser, mas se disponha a dar qualquer coisa em dinheiro ou em espécie, pode telefonar para da. Aparecida, rua "A" n.º 7, conjunto 11.

Prefeitura aumenta auxílio às creches



O futuro da infância está nas mãos das entidades assistenciais.



O amparo à criança desprotegida foi aumentado pela Prefeitura

A Prefeitura reformou convênio de ajuda financeira com 31 creches da Capital, para melhor atendimento às crianças de até 6 anos, incluídas no programa de ajuda à infância carente, do Departamento de Integração da Secretaria do Bem-Estar Social.

Dentro de alguns dias será assinado outro convênio, com o mesmo objetivo, beneficiando as 19 creches restantes. Para dona Leopoldina Saraiva, secretária do Bem-Estar Social, o atendimento que aquelas unidades vinham dando às crianças necessitadas de São Paulo, deixava muito a desejar por falta de verba.

Agora, a Prefeitura dará ajuda financeira a todas elas e exigirá melhor atendimento. O nosso Departamento de Integração mantém uma equipe de técnicos para preparar os atendentes.

ATENDIMENTOS

Atualmente, a Prefeitura atende as crianças em 55 creches, 5 das quais estão sob administração direta da Secretaria do Bem-Estar Social. Outras 12 são municipais, mas estão entregues a entidades particulares. A Prefeitura mantém contrato com mais 38 creches. Todas essas unidades ficam abertas das 6 às 18 horas, período em que são atendidas as crianças. Todas as mães, não só as que trabalham como também as de baixa renda familiar, podem semi-internar seus filhos. Quando nas imediações das creches há Parques Infantis, essas unidades deverão atender crianças de 3 a 6 anos. Caso contrário, a creche ficará encarregada de atendê-las.

NOVA CRECHE

A creche do Jardim Bom Refúgio, no Campo Limpo, com capacidade para 140 crianças, é a mais nova da Prefeitura. Ela mantém semi-internatos com capacidade que varia de 100 a 180 crianças. Nova unidade de assistência à infância de Santo Amaro deverá ser instalada nos próximos dias.

CRECHES DO CONVÊNIO

As creches com as quais a

Prefeitura assinou convênio para prestação de ajuda financeira são: Mosteiro São Geraldo — Colégio Santo Américo — Parque Infantil D. José Gaspar; Centro de Assistência Social Bras-Mooça — Creche Nossa Senhora do Bom Conselho; Casa da Criança "Nair Aguiar"; Instituto Beneficente da Anunciação — Creche Nossa Senhora da Anunciação; União Assistencial Espirita André Luiz — Creche Katie King; Associação Franciscana Missionária de Maria — Ninho Jardim Condessa Mariana Crespi; Ação Social Santa Rosa de Lima — Creche São Luiz de Montfor; Ação Comunitária Penhense — Creche da Penha; A Nossa Casa da Criança — Creche A Nossa Casa da Criança; Associação Proteção à Maternidade, Infância e Adolescência; Obra Assistencial da Paróquia São Luiz Gonzaga — Creche Obra Assistência São Luiz Gonzaga; Centro Recreação Infantil Ação Comunitária São Benedito — Ação Comunitária São Benedito; Obras Sociais Nossa Senhora das Graças — Creche das Obras Sociais Nossa Senhora das Graças; Sociedade Brasileira de Instrução Primária — Creche Maria Dulce; Centro Social Leão XIII — Creche do Centro Social Leão XIII; Centro de Assistência Social — Bras-Mooça — Creche Nossa Senhora Aparecida; Ação Social Nossa Senhora de Fátima; Lar Nossa Senhora Aparecida; Centro Espirita Apóstolo João; Instituto Beneficente Nosso Lar — Creche Fonte Viva; Associação Paulista da Igreja Adventista do Sétimo Dia — Creche Maczinha; Organização Feminina Israelita de Assistência Social — OFIDAS; Centro de Assistência Social São Vicente de Paula; Centro Social "Fé e Alegria"; Paróquia de Vila Prudente — Creche A. C. Pigilio; Creche Santo Alberto; Obras Sociais Nossa Senhora de Achiropita — Creche Menino Jesus de Praga; Fraterno Auxílio Cristão Nossa Senhora Consolação — "Lar das Meninas Nossa Senhora da Consolação"; Lar Escola Bela Vista; Escola Industrial N. S. — Salate — Creche N. S. das Graças e Lar Dom Orione das Pequenas Irmãs Missionárias da cidade.

171 casos de desidratação em sete dias

Sómente na Clínica Infantil do Ipiranga, foram registrados 171 casos de desidratação infantil nos primeiros sete dias deste mês. Quarenta e quatro crianças foram internadas em estado grave e uma veio a falecer em decorrência do "mal de verão".

No mesmo período do mês de dezembro, (de 1 a 7), foram registrados 146 casos de desidratação, sendo 4 graves. O total de atendimento do mês de dezembro, na Clínica Infantil do Ipiranga, foi de 710 casos, ficando 21 internados e registrando-se 10 óbitos.

Desde o início de dezembro até o momento, o dia 4 deste mês foi o que a Clínica Infantil do Ipiranga mais recebeu crianças desidratadas chegando

a 39 o número de atendimentos. A situação, em outros postos de socorros da cidade é quase a mesma.

CUIDADOS

Segundo as autoridades sanitárias, a desidratação pode ser evitada com um pouco de cuidado e atenção por parte das mães. Nessa época do ano, com a chegada do verão, torna-se mais fácil a criança que não tem hábitos higiênicos controlados, ser contagiada por microbios, o que provoca disenterias febres e outros sintomas.

Dessa maneira, as mães devem ficar atentas ao menor surgimento desses sinais — diarreia, febre ou vômitos — e no caso da criança apresentar um deles, deverá ser en-

caminhada ao posto de puericultura mais próxima, onde passará por exame minucioso.

Para evitar o mal, as crianças devem vestir roupas leves, receber alimentação sadia, com bastante frutas e verduras (as frutas e verduras devem ser frescas). Quanto a higiene, os cuidados devem ser redobrados: as crianças devem estar sempre com as mãos limpas, bem como todas as partes do corpo.

A água dada a criança precisa ser filtrada ou fervida, sendo necessário que todas ingiram bastante líquido durante todo o dia.

No caso de crianças muito pequenas ou recém-nascidas, há a necessidade de se es-

terilizar todo o material empregado em sua alimentação, como mamadeiras, copinhos, etc.

Se a criança for levada ao médico logo aos primeiros sintomas da doença, a desidratação poderá ser controlada e não haverá necessidade de internamento. No hospital ou pronto-socorro, ela receberá pequenas doses de soro que eliminará o mal. Entretanto, se o estado da criança for grave, ela permanecerá internada para receber o soro por via parenteral, ou seja, diretamente na veia. O seu restabelecimento dependerá da gravidade do caso, sendo necessário maiores cuidados para não haver a reincidência da doença.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Journal: Fall #1 Studio

Date 08/01/77

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorde



CRECHES — As crianças de até seis anos de idade de 31 creches da Capital foram beneficiadas com a reforma de convênios de ajuda financeira da Prefeitura. A própria secretária Leopoldina Saraiva, do Bem-Estar Social, reconheceu que o dinheiro destinado pela Prefeitura até então era insignificante e não animava as creches a fazerem qualquer promoção.

UM TEMA SEMPRE EM DIA: O DESTINO DA FAMÍLIA

Os sociólogos mais argutos preocupam-se com um fenômeno que parece caracterizar o momento histórico que estamos vivendo. Nunca a Humanidade havia chegado ao nível de conforto e bem-estar, de cultura, de refinamento que conhecemos hoje. Mas provavelmente nunca também ela conheceu frustrações e ressentimentos tão graves, explodindo em violências de toda sorte, em agressões e revídes de inesperada ferocidade.

Esse fenômeno põe em xeque e anula grande parte das conquistas positivas de nossa civilização — pois vale a pena um mundo rico e confortável mas sem alegria, sem amor, sem tranquilidade, sem paz? Os meios até agora empregados para fazer frente ao fenômeno têm-se revelado totalmente ineficientes. Parece que quanto mais se multiplicam e se estendem os benefícios, mais se avolumam as manifestações de desassossego e cólera. Seria preciso investigar os porquês do profundo desequilíbrio que é, sem dúvida, a chaga mais dolorosa de nosso humanismo.

Realidades essenciais e muito valiosas estarão sendo agredidas e abaladas para que toda uma civilização apareça tão desarvorada, apesar de suas impressionantes riquezas.

FAMÍLIA

A GRANDE ENFERMA

Agredida e abalada. É fácil observar que assim se mostra uma dessas realidades, de peculiar importância: a Família.

Os historiadores do futuro, ao analisarem, daqui a cinquenta anos, nosso século XX, terão dificuldade em entender que esse século tenha sido aquele que mais fez pela Família e, apesar disso, aquele no qual a Família foi mais machucada.

A grave enfermidade da Família, creio que pode traduzir-se com duas palavras: no interior da Família, a desintegração; em seu relacionamento com a sociedade global, a marginalização e a diminuição da influência.

São múltiplas e de diversas naturezas as causas da desintegração e, por conseguinte, da marginalização. Todas se sintetizam, a meu ver, em três grupos de causas:

No terreno da mentalidade, a Família vê-se a braços com uma filosofia de permissividade. Com uma visão hedonista da vida. Com certa tendência à tolerância, ao anarquismo no relacionamento entre as pessoas. Daí nasce, decerto, a mentalidade divorcista reinante entre adultos e jovens.

No terreno das instituições, salta aos olhos que a legislação da maioria dos países está longe de facilitar a constituição a manutenção, a sobrevivên-

cia da Família. Salta aos olhos que a industrialização e a urbanização, fenômenos em si mesmos positivos, armam todavia à Família ciladas perigosas se esta não estiver preparada para enfrentar os problemas afluentes. Que os Meios de Comunicação Social, a TV especialmente, pelos conceitos que carreiam e que atiram para dentro dos lares, contribuem para dissolver a Família se esta não se defende.

No terreno da própria existência familiar, as causas principais de sua enfermidade são, fora de qualquer dúvida o despreparo com que a maioria dos casais caminham para o casamento; a falta de diálogo entre os esposos e entre pais e filhos; a interferência de terceiros na vida do casal e nos problemas da casa; a falta de organismos de apoio, sumamente necessários quando sobrevêm crises no casamento, crises em si mesmas normais mas que se tornam desastrosas e até fatais quando não devidamente atendidas.

EM AJUDA À FAMÍLIA

Não se golpeia impunemente a Família. Os traumatismos que a ferem são os mesmos que, em ponto maior e muito maior impacto, sacodem a sociedade e o mundo. Os desequilíbrios deste têm sua raiz escondida nas feridas da Família do mesmo modo que "a salvação da pessoa e da sociedade humana está estreitamente conexa com o bem-estar da comunidade conjugal e familiar" (Gaudium et Spes, 47).

Por entender isto — ou, ao menos, por senti-lo intuitivamente — é que muitos organismos se constituíram ultimamente, no sentido de preservar a Família contra todo ataque e, mais ainda, de promovê-la em seus valores essenciais. Isso explica o aparecimento, de trinta anos para cá, de numerosos movimentos familiares, o surto de institutos e centros de orientação familiar e de aconselhamento para esposos, pais e jovens; a atual preocupação de preparar os noivos, com a máxima seriedade, para o grande passo de casamento.

A IGREJA PIONEIRA

A Igreja Católica mostra-se profundamente comprometida e é mesmo pioneira na criação desses movimentos e no apoio irrestrito que lhes oferece. Este é apenas um sintoma entre outros da solicitude e do interesse que, em todos os seus escalões e por toda parte, ela tem para com a Família.

Paulo VI em sua posição de Pastor Universal, é o primeiro a revelar essa solicitude. A "Humanae Vitae" com sua extraordinária doutrina sobre o casamento e a Família; as alocuções substanciais dirigidas às "Equipes Notre-Dame", as mensagens à

União Internacional de Organismos Familiares e às Semanas Sociais de França são límpidas demonstrações de quanto o Papa se preocupa com a Família e seu destino em nossos dias.

Mas a demonstração mais evidente é a que Ele acaba de dar, a 11 de janeiro: a criação da Pontifícia Comissão da Família, Formada por representantes de cada uma das Sagradas Congregações, por Bispos, sacerdotes e leigos experimentados e competentes em questões familiares essa Comissão é chamada a ajudar o próprio Pontífice Romano, a Curia e o Colégio Episcopal mundial a conhecerem adequadamente os problemas mais agudos da Família, e a lhes darem respostas válidas no campo da Pastoral.

FAMÍLIA E NAÇÃO

No momento histórico que nosso País está vivendo é importante que a Família entre nós encontre atendimento às suas exigências mais significativas.

É importante valorizá-la a seus próprios olhos e, pelos melhores meios da educação e da comunicação social, valorizá-la sobretudo aos olhos dos jovens, que dela mais necessitam e contra ela têm mais enraizadas resistências. É um crime, tantas vezes cometido hoje e de forma requintada, destruir no espírito das novas gerações os valores essenciais da Família, quando não a própria noção de Família.

Importante dar à Família condições de existência no campo da educação, da moradia, do emprego digno, do salário justo que permita ao trabalhador o honesto sustento da esposa e dos filhos, da saúde e até dos lazeres. A função dos Governos não é a de planejar a fecundidade dos casais mas a de criar condições para que tenham os filhos que, prudentemente, desejem gerar.

Importante reservar à Família no Código Civil uma situação conveniente. Por isso mesmo, no momento em que se encaminha um projeto de novo Código e em que, de várias partes, críticas de fundo lhe são feitas, a Igreja, está analisando com atenção e seriedade este texto e não deixará de cumprir seu dever, apontando eventuais falhas quanto ao Direito da Família, sua defesa e promoção, a proteção à indissolubilidade e à fidelidade conjugais. Mas também oferecido sugestões para que o novo Código realmente ampare a Família em nosso País.

UM VOTO, UMA SUGESTÃO

Tão transcendente me parece o papel da Família na sociedade, tão valioso o apoio que lhe deve dar o Estado, que me atrevo a exprimir pela primeira vez, um velho anseio. Confio-o, como suges-

tão, aos nossos Governantes: que se crie em nosso País, como já existe no Canadá, na Alemanha Ocidental e outros Países um Ministério da Família.

Desde que não seja apenas uma estrutura a mais, escape ao burocratismo, não fique atrelado a injunções partidárias ou a condicionamentos ideológicos tenha à sua frente homens sensíveis à problemática familiar e, mais ainda, competentes e experientes nas grandes questões que a Família hoje coloca; em uma palavra: desde que seja, como seu nome indica, um verdadeiro serviço, esse Ministério será, fora de dúvida, de inestimável utilidade para a promoção da Família.

A ele deverão convergir as múltiplas questões familiares dos esposos, dos jovens, das domésticas que atualmente vão desaguar nos outros Ministérios mas neles merecem uma consideração por demais acidental. Ele terá que despertar a atenção do Legislativo para problemas familiares mais candentes e transformar em ação concreta as leis referentes à Família. Ele dará alento e incentivo a todos os empreendimentos e iniciativas, organismos e movimentos de atendimento à Família, quer oficiais quer privados, confessionais ou não, respeitando a liberdade e a originalidade de cada um.

É evidente que tal Ministério pressupõe muitos meses de estudo e preparação e não pode ser improvisado. Deve conhecer a experiência dos outros já existentes para utilizar os acertos e evitar os desacertos. Tal Ministério não é uma panacéia nem o mais importante a fazer pela redenção das famílias. Mas criado com a indispensável seriedade, não duvido de que venha a prestar excelentes serviços à Família brasileira.

UM AGRADECIMENTO, UM COMPROMISSO

Todos devemos a Paulo VI um agradecimento pela criação da Comissão Família, pelo testemunho de amor, zelo e interesse por ela, que acaba de dar diante do mundo todo. A Igreja (sabe que sempre estará em débito com a Família e empenha-se em fazer por ela sempre mais. E o fará certamente, se nós a ajudarmos a fazer. Depende, em parte, de nós que o belo gesto de Paulo VI não se cristalice, estéril, no ar.

Quem coopera para que a Família supere os graves problemas que hoje encontra à sua frente, tem a alegria de saber que está trabalhando pela Sociedade e pelo Mundo. E que está tecendo uma malha, despretençiosa mas decisiva, na trama do futuro. Do futuro do Homem.

† FREI LUCAS MOREIRA NEVES

São Paulo, 20-I-1973



As crianças de 0 a 6 anos ganharão, até 1974, mais 130 creches para seu atendimento.

Mais centros infantis na cidade

Até 1974 a Prefeitura Municipal implantará mais 130 Centros Infantis em áreas de população de renda baixa, que ampliarão o atendimento atual de 0,33% para 6% da população na faixa etária de 0 a 6 anos.

Atualmente, a Prefeitura, através da Secretaria do Bem Estar Social, possui 17 creches para atendimento de crianças nessa faixa de idade e mantém convenio com 38 entidades particulares que se responsabilizam pela administração e manutenção das entidades. Isso corresponde a um total de 6.000 crianças atendidas pelo Município, embora a população de 0 a 6 anos — entre as camadas de renda mais baixa seja de 600.000 crianças.

O trabalho nesses centros Infantis começa às 7 horas, e a maioria funciona em regime de semi-internato. As mães levam as crianças pela manhã e vão retirá-las à tarde, variando esse horário de acordo com a organização interna de cada uma. Há creches que recebem apenas crianças de 0 a 4 anos e outras que ampliam essa faixa de idade até 6 anos.

A creche do Jabaquara, que foi construída pela Prefeitura e é mantida pela ASA — Associação Santo Agostinho, está incluída entre as primeiras, abrigando um total de 100 crianças. Os pais pagam uma pequena taxa mensal, variável de acordo com as possibi-

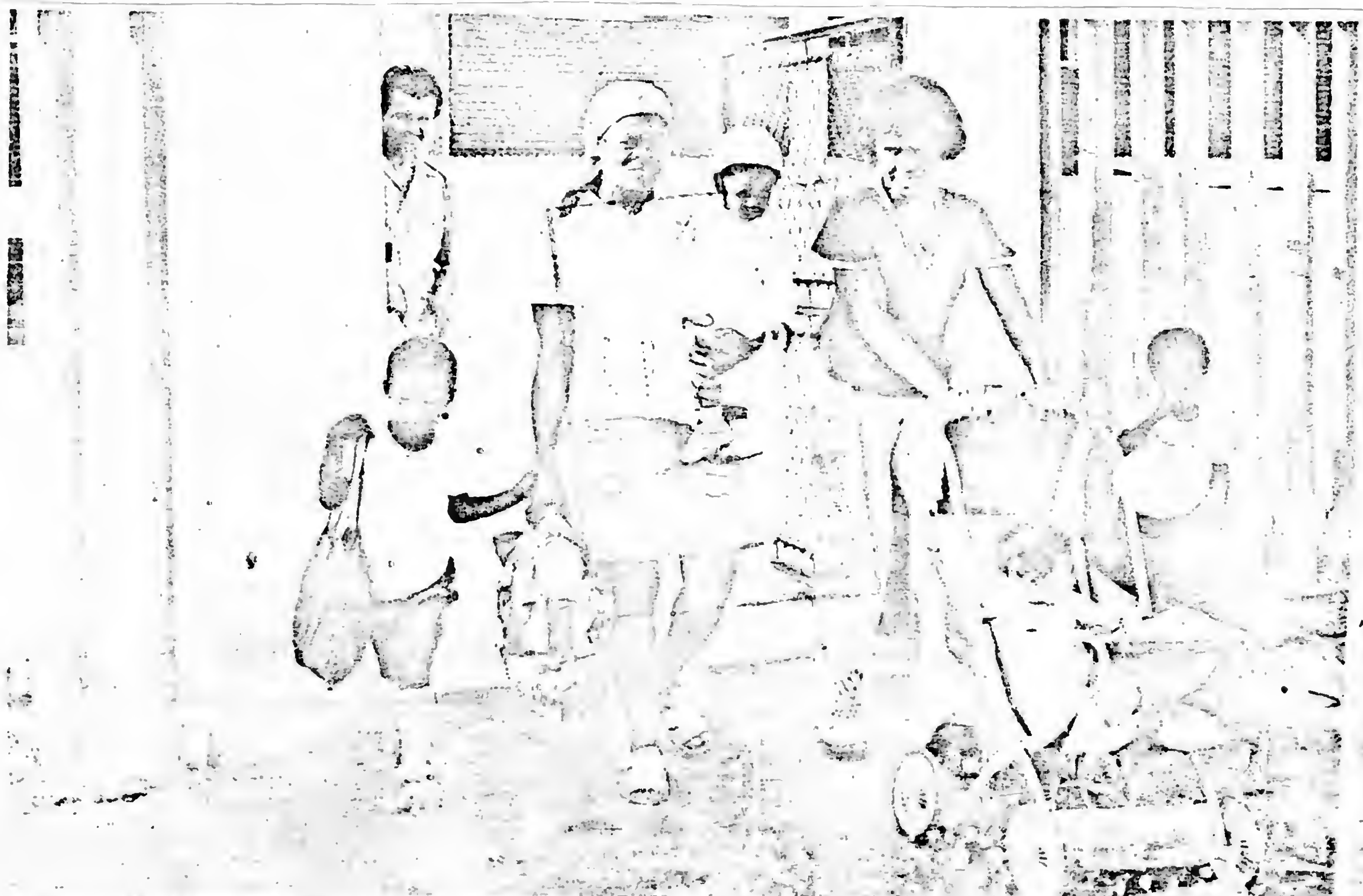
dades (até a isenção total) que reverte em benefício da entidade. Ali a criança recebe orientação, recreação, alimentação e os cuidados essenciais de saúde.

Os bebês de 0 a 1 ano têm seus horários regularmente definidos como se estivessem no seu próprio lar, o mesmo acontecendo com os que se encontram na idade entre 7 meses e 1 ano. As crianças maiores, de 1 a 4 anos, estão alojadas em outro setor da creche, com maior liberdade e condições para divertirem-se sozinhas ou em mini-grupos que são organizados para ajudar no seu desenvolvimento motor. As crianças de 2 a 4 anos, recebem pastas de pintura, colagem e outras atividades de criação, sendo acompanhadas de duas professoras.

No pátio da creche, há balanços, gangorras, barras de ferro para ginástica e espaço para jogos. No caso da creche do Jabaquara, todo o acompanhamento é feito por pessoal especializado, como enfermeiras, pajens, nutricionistas ou mesmo assistentes sociais. Para isso há uma ajuda financeira da Secretaria do Bem Estar Social de Cr\$ 100,00 mensais. Atualmente aquela creche mantém 10 pajens, 2 professoras, uma nutricionista, 1 auxiliar de enfermagem, 1 assistente social e uma administradora.



A higiene é essencial



A Creche do Jabaquara está entre as primeiras e abriga, atualmente, cerca de 100 crianças.

58 crianças necessitadas

Prepare o seu coração para conhecer a "Casa dos Inocentes". A casa é na rua Catrimani, 333, na Cidade Patriarca, e os inocentes, as cinquenta e oito crianças que ali vivem a sua vidinha sem preocupações, abrigadas por um grupo de senhoras que mantem a instituição, com a colaboração do espírito caritativo dos que podem dar alguma coisa.

MARIA ALICE

Vá conhecer Maria Alice e suas companheiras. Quantos anos tem Maria Alice? Dois anos e meio, três anos, ela ainda não sabe o que são "parabéns", o que é um bolo de aniversário, uma boneca. O que ela sabe é pedir balas e doces. Brejeirinha, um azougue, os olhos mais negros do que a pele, os dentes de leite bem alinhados na boca bem feita, uma necessidade de carinho, ela abraça o visitante como se procurasse o pai e a mãe que ela não vai conhecer. É desembaraçada como as outras crianças, mais velhas ou mais novas, e logo encontra o tio ou a tia e os olha, não com olhar suplice, mas um olhar doce e de tanta comunicação que a gente logo gosta dela e de suas companheiras.

AS OUTRAS MARIAS

As outras Marias também têm encantos, todas elas se amam como irmãs. Ve-las brincando de roda e cantando



Cinquenta e oito crianças vivem na "Casa dos Inocentes", na Cidade Patriarca.

faz bem ao coração disposto a compreender a mensagem que elas transmitem. As outras Marias são quase iguais em tudo. Muitas delas recebem aos domingos a visita de suas mães, outras sabem Deus a pôs no mundo e toma conta delas.

AS NECESSIDADES

Quem toma conta é um grupo de senhoras que faz questão de que as pessoas dispostas a ajudar visitem a "Casa dos Inocentes, localizada nas imediações da praça Araruva, no ponto final da linha de ônibus "323", Cidade Patriarca. Essas senhoras vêm provendo a casa há nove anos, substituindo o trabalho de uma bondosa criatura que

envelheceu e cuidava de quinze meninas. As necessidades são muitas, desde alimentos até roupa de cama e mesa. Tudo faz falta na "Casa dos Inocentes": calçados e roupas, aparelhos de recreação, coisas velhas e aparentemente imprestáveis, mas que podem ser transformados em algum dinheiro. O mais importante, por ser mais necessário, é o aumento de quadro de colaboradores.

Quem quiser ajudar, telefone para dona Nara, 278-68-40. O jeito de ajudar os outros é também uma forma de ajudar-se a si, não como um ato de contrição, mas pelo desejo de agradecer a Deus a graça de viver seus maiores problemas.



Berçário da Creche da Secretaria de Viação.

0048

Como formar uma eficiente babá

"Usar roupas discretas. Quando for tratar um serviço, não usar minissaia com roupa inconveniente e quando em serviço usar sempre uniforme em ordem"; "Não falar demais e nunca muito alto ou com espalhafato"; "Não fumar em serviço nem junto aos patrões"; "Se tiver namorado, não ir com ele tratar empregos e não tratar encontro no local de trabalho, nem usar o telefone para conversar com o namorado";

"Ter muita responsabilidade, honestidade, paciência e amor às crianças"; "Com muita atenção, boa vontade e responsabilidade, aprende-se melhor as coisas, produz-se muito mais e consegue-se melhor salários";

Esses são alguns dos 25 mandamentos da boa funcionária doméstica, elaborados pelo Instituto de Babás Educadoras, uma instituição particular criado o ano passado em São Paulo e que, segundo sua fundadora, dona Sueli Rodrigues Bittencourt, tem o objetivo de elevar o nível social e cultural das babás e das funcionárias domésticas.

Em pouco mais de um ano de existência, o instituto já formou centenas de babás em São Paulo, numa média de 50 por mês através de seus cinco ciclos: o Curso Babá, Curso Babá de Recém-Nascido, Curso Babá-Enfermeira, Curso Babá-Educadora e Curso Baby-Sitter.

O curso mais simples é o primeiro deles, o básico, que tem duração de dois meses, com uma aula por semana, e ensina à babá os fundamentos de seus trabalhos o seu dia a dia, alimentação cuidados e higiene do bebê, higiene pessoal, responsabilidade com a criança, etc.

O Curso Baby-Sitter, o mais especializado de todos, ensina desde formação, educação e recreação da criança, até socorros de urgência e noções de inglês e francês. O curso mais barato custa 200 cruzeiros, o mais caro, 400 cruzeiros.

Além das aulas ministradas em sua sede no bairro de Pinheiros, o Instituto de Babás Educadoras tem também cursos por correspondência para todo o Brasil. Este mês, o IBE iniciou um novo curso, para as empregadas domésticas.

MISSÃO IMPORTANTE

Dona Sueli Rodrigues Bittencourt, uma professora catodétrica aposentada, teve a idéia de fundar um instituto de orientação para babás há alguns anos atrás.

"Eu sempre lidei com crianças, desde os tempos em que comecei a dar aulas em jardins de infância. As crianças sempre foram a minha grande vocação e a minha paixão. Por isso, o meu sonho era fundar uma escola que ensinasse as babás a cuidarem das crianças."

Foi só depois que aposentou que dona Sueli conseguiu tornar realidade a sua ideia.

O primeiro curso foi iniciado numa garagem nos fundos de sua casa. O início, segundo ela, foi muito difícil. Ninguém

acreditava muito que uma professora aposentada, numa escola improvisada no quintal, pudesse orientar e formar babás.

Mas pouco a pouco a escolinha foi despertando a atenção e com tempo dona Sueli convidou algumas amigas professoras para ajudá-la.

Em agosto de 1972, foi fundado o IBE, numa ampla mansão da rua Henrique Schaumann, em Pinheiros. Segundo sua diretora, o curso de babás é, não apenas o único no Brasil, mas em todo o mundo.

"Nós fizemos uma vez uma pesquisa com uma firma especializada para ver se eramos realmente os pioneiros no Brasil. Os resultados mostraram que, mais do que pioneiro, nosso instituto era o único existente em todo o Brasil. E posso dizer mesmo que talvez sejamos o único no mundo inteiro".

UMA LUTA DIFÍCIL

Apesar do sucesso que conseguiu dona Sueli diz que tem uma certa magoa por não ter conseguido manter o IBE somente com os cursos de formação de babás.

"Pode parecer pretensão de minha parte, mas o meu sonho mesmo era fazer uma escola que orientasse as nossas babás na sua missão muito importante de cuidar e educar as crianças sob os seus cuidados. Apenas esse deveria ser o nosso objetivo. Mas, com o tempo, as despesas foram aumentando e por pouco quase fui obrigada a fechar o instituto".

Para evitar que isso acontecesse, dona Sueli diz que foi obrigada a encontrar uma solução que, embora comercial, não a afastasse muito de seus objetivos iniciais. Este ano, juntamente com os cursos, ela criou uma agência de colocação de babás, que tem ajudado a equilibrar e até a dar lucros para a escola.

"É assim que conseguimos manter o IBE. O dinheiro da agência de empregos compensa os prejuízos que temos com os cursos. Além das taxas que cobramos, por serem baixas não dão grandes lucros, sempre tivemos problemas

com pagamentos. Há muitas pessoas que iniciam os cursos vão quase até o fim e depois desaparecem sem completar os pagamentos".

CURSOS E CLIENTES

Apesar das muitas dificuldades que ainda encontra para manter o IBE, dona Sueli diz que está satisfeita com os resultados alcançados até agora.

"Hoje temos clientes até no Exterior, no nosso curso por correspondência, sem falar naqueles que o acompanham em todos os Estados brasileiros. Até mesmo homens estão fazendo o curso de babás por correspondência. São dois alunos, um de Minas Gerais e outro de Santa Catarina. Há, também, duas freiras e uma senhora bastante idosa, que decidiu acompanhar os nossos cursos só para cuidar dos netos".

MUDAR A BABÁ

Para dona Sueli, a transformação e o aprimoramento da babá é uma missão essencial hoje em dia.

"É com a babá que a criança passa hoje a maior parte de seus primeiros anos. Ela é amiga, orientadora e formadora das crianças. Mas a grande maioria delas não sabe ainda a importância educacional e social que desempenha na família. Escolhendo a profissão, quase sempre em função da sobrevivência, a babá nem sempre conhece o valor de sua função.

Aprimorando seus conhecimentos, ela está, ao mesmo tempo, libertando-se de sua condição social inferior e ampliando o seu campo profissional".

É grande a falta de creches em São Paulo

FSP 12/3/73

Dos prédios mais altos e mais próximos aos vizinhos Brigadeiro e Dona Paulina, no centro da cidade, pode-se acompanhar, especialmente nos dias de sol, uma cena inusitada: crianças brincando num "play ground" instalado no terraço do edifício da Secretaria da Viação e Obras Públicas.

Do 17.º andar do Palácio Mauá, ali perto, Walkiria Lang Hasson e Maria Midoni Fernandes, funcionárias do SESP (Serviço Social da Indústria), no intervalo entre a tarefa de datilografar uma carta e atender a um telefonema, contemplam a cena, ou, conforme o humor, sentem a falta dela e da algazarra das crianças. Invariavelmente, porém, pensam nos seus próprios filhos, que ficaram em casa ou foram para a escola.

Walkiria tem duas meninas, uma de 2 anos e meio (Gisele) e outra de apenas cinco meses (Cristiane). Gisele ainda mostrava certa insegurança ao caminhar, quando, aos 2 anos, começou a frequentar a Escolinha Tio Patinhas. Cristiane ainda é muito nova para ir à escola e por isso tem de permanecer em casa, sob os cuidados da babá. Mesmo confiando na babá, Walkiria está sempre se preocupando: trabalha fora o dia todo. Com isso, contribui para manter o orçamento doméstico num determinado padrão, ao mesmo tempo que põe em prática alguns conceitos relativos à emancipação feminina. Nem por isso deixa de sonhar com o tipo de trabalho ideal: um trabalho que dure apenas meio período e que lhe deixe mais tempo para estar em casa com os filhos.

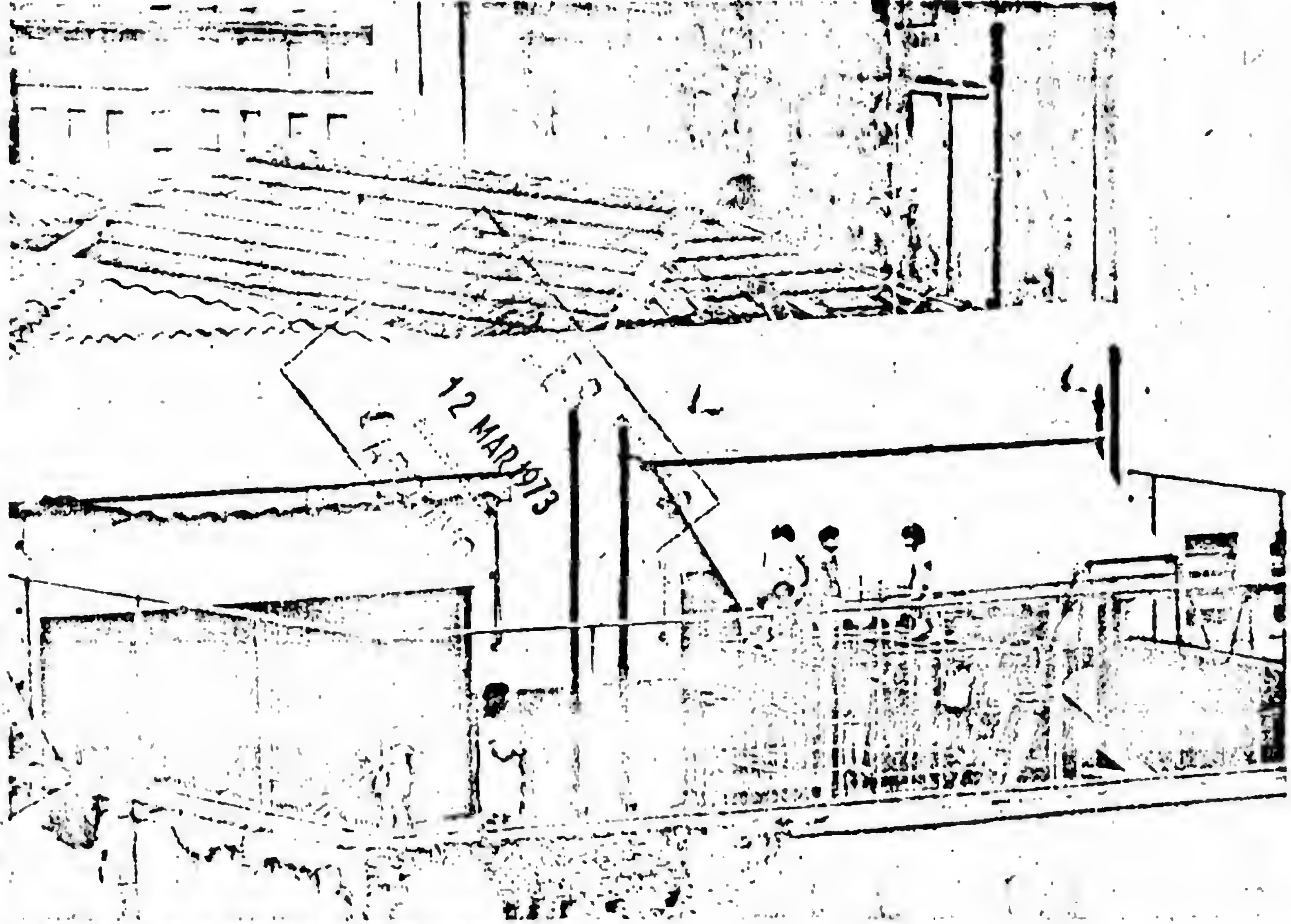
Maria também tem dois filhos, um de 4 anos (Mario Celso) e outro de 2 anos e meio (Mauricio José). Hoje, os dois dão menos preocupações, porque em todos os dias para a escola, mas há horas em que ela precisa pagar babá. De qualquer jeito, as preocupações continuam: se antes uma babá não se conseguia com facilidade, hoje é necessário pagar o transporte para as crianças irem à escola (50 cruzeiros), além da mensalidade, de 120 cruzeiros para cada uma.



Walkiria Lang Hasson



Maria Midoni Fernandes



No alto do edifício um lugar para as crianças brincarem.

Com o salário que ganha, somado ao do marido, Maria tem condições de fazer frente a essas despesas, não sem queixar-se dos altos preços do transporte e da mensalidade. E Walkiria está no mesmo caso. Contudo, ambas prefeririam pagar — até mais, se fosse o caso — para ter um creche junto ao seu local de trabalho, como acontece com os funcionários da Secretaria da Viação e Obras Públicas, do Departamento de Águas e Energia Elétrica, do Departamento de Obras Públicas, da SAEU e do Departamento de Administração. Todos esses órgãos localizados no mesmo edifício, no início da av. Brigadeiro Luís Antônio.

A creche instalada no último andar do edifício e aproveitando um terraço ali existente, acolhe diariamente cerca de 40 crianças, todas de funcionários locais. As idades vão

de 3 meses a 6 anos e as crianças são divididas em quatro grupos: até 3 meses a 1 ano; de 1 ano a 2 anos; de 2 anos a 4 anos; de 4 anos a 6 anos.

Pesquisando, entre as próprias funcionárias que trabalhavam no prédio em várias funções, o Departamento de Administração verificou que muitas delas eram professoras. Realizou uma seleção e, do próprio quadro de pessoal, retirou dezesseite funcionárias, que se revezam em dois turnos de trabalho na creche, nas tarefas de tomar conta das crianças, dando-lhes toda a assistência, recreação, alimentação e educação.

A creche funciona das oito às dez horas e um médico, retirado também dos quadros da D.A., dedica diariamente duas ou três horas para a assistência às crianças.

O dr. Samuel Carlik, diretor geral do D.A., calcula em 4 mil cruzeiros as despesas mensais com alimentação. Praticamente não há outras despesas, porque a folha de pagamento não foi alterada, em virtude do remanejamento de pessoal.

A operária Maria Creuza dos Santos, que trabalha numa tecelagem do Tatuapé, não está em condições de pagar creche e escolinha para seus três filhos (Maria Helena, de 4 anos, Luiz de 2 anos e Miro de apenas 5 meses). Tampouco pode manter empregada ou babá.

"Deixo com minha sogra, que também toma conta de outros dois netos dela, lá no Parque São Jorge. Mas é muito ruim. Tenho que levantar mais cedo para levar as crianças e fico muito preocupada principalmente quando tem algum doente."

Maria Creuza nem sabe que a tecelagem onde trabalha, teoricamente, pela lei, seria obrigada a manter uma creche na própria fábrica, pelo menos para o caso de Miro, seu filho mais novo. Com 5 meses, Miro ainda se encontra dentro do chamado período de amamentação, que os médicos geralmente consideram que val até os seis meses de idade.

No entanto, a lei que trata desse problema é muito velha e cheia de falhas. Seu texto está sujeito a mais uma interpretação e não é suficientemente conclusivo. Por isso mesmo, são ainda raras as indústrias que reservam uma parte de suas instalações para a manutenção de uma creche. Diz o artigo 2.º da Consolidação da Lei do Trabalho, em seu parágrafo único:

"Quando não houver creches que atenda convenientemente à proteção da maternidade, a julgo da autoridade competente, os estabelecimentos em que trabalharem pelo menos trinta mulheres, com mais de 16 anos de idade, terão local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar, sob vigilância e assistência, os seus filhos no período de amamentação."

Essa lei data de 1942 e desde então não sofreu nenhum aditamento ou restrição. Os órgãos que congregam as indústrias, como a Federação Nacional e o Centro das Indústrias, ou ainda, os órgãos que trabalham no campo da assistência social junto à indústria, como o SESP, aconselham normalmente seus filiados a dar, sempre que possível, novos passos no sentido de concretizar os preceitos da lei.

Maria Creuza sabe dos parques infantis mantidos pela Secretaria do Bem-Estar Social, mas afirma que não conseguiu vaga, nas duas tentativas que realizou. A própria Secretaria reconhece

parques e centros infantis, a tarefa não é possível de ser realizada em pouco tempo.

Dora Pinto da Silva, secretária, teve sorte: conseguiu uma vaga para seu filho Alcides, de 3 anos de idade, no parque infantil do Mandaqui. Só tem que pagar 50 cruzeiros da perua que faz o transporte. Por isso poderia trabalhar mais ou menos sossegada, se não fosse mãe de Monica, uma menina de apenas 4 meses de idade. Para ela, Dora tem que pagar babá (250 cruzeiros).

"No meu caso, eu trabalho porque preciso ajudar o meu marido. Se não fosse por isso, ficaria em casa. As crianças sentem muita necessidade dos pais. Quando chegamos em casa, eles demonstram isso: a gente tem que se esforçar para dar a eles, em uma ou duas horas, tudo o que deixamos de dar, em matéria de carinho, durante um dia inteiro."

Noemi Santos Storfer, cujo marido destruiu de ótima situação financeira, não teria nenhuma necessidade de trabalhar, se visse o problema apenas pelo lado do dinheiro. Mas, seis anos atrás, frequentadora costumeira do Colônia Cabelleiros, tomou de repente uma decisão: montar um instituto de beleza.

Seus amigos do Colônia e do Antoine, compareceram no dia da inauguração e preveniram: "você vai enjoar disso em menos de seis meses".

Noemi não enjoou; ao contrário, foi ampliando o negócio, que hoje conta com duas seções, uma para mulheres e outra para homens, na rua Avanhandava. Continua trabalhando fora (se bem que só por algumas horas diariamente) e afirma:

"Quando me decidi a montar o instituto foi por achar que, se a mulher fica sempre em casa, cuidando dos filhos e do marido, acaba se tornando bitolada. Continuei pensando assim, principalmente agora, quando meus filhos já estão criados e a cada dia que passa se mostram impregnados de conceitos sempre mais distantes dos da minha geração. Creio que a abertura proporcionada pelo fato de estar sempre em contato com outras pessoas e com o mundo fora do lar, me dá condição para entender esses novos conceitos e evitar possíveis choques de geração".

No caso de Noemi Storfer isso talvez seja facilitado, também, pela maior idade dos filhos. No caso de Walkiria Hasson, o problema pode ser mais delicado. Sua filha Gisele tem apenas dois anos e meio e, mesmo absorvida durante o dia todo com a escola Patinhas, solicita continuamente tanto a Walkiria como a seu marido, quando estes chegam, a noite.

"Para dizer a verdade, isso está me preocupando tanto que acabo de vir do psicólogo. Foi

De minha parte, já cheguei a uma conclusão: se depender de mim, minha segunda filha, a Cristiane, não irá tão cedo para a escola, como foi Gisele. Dois anos é uma idade insuficiente para se mandar uma criança à escola".

E grande a falta de creches em São Paulo

Dos prédios mais altos e mais próximos aos viadutos Brigadeiro e Dona Paulina, no centro da cidade, pode-se acompanhar, especialmente nos dias de sol, uma cena incomum: crianças brincando num "play-ground" instalado no terraço do edifício da Secretaria da Viação e Obras Públicas.

Do 17.º andar do Palácio Mauá, ali perto, Walkiria Lang Hasson e Maria Midoni Fernandes, funcionárias do SESI (Serviço Social da Indústria), no intervalo entre a tarefa de datilografar uma carta e atender a um telefonema, contemplam a cena, ou, conforme o horário, sentem a falta dela e da algazarra das crianças. Invariavelmente, porém, pensam nos seus próprios filhos, que ficaram em casa ou foram para a escola.

Walkiria tem duas meninas, uma de 2 anos e meio (Gisele) e outra de apenas cinco meses (Cristiano). Gisele ainda mostrava certa insegurança no caminhar, quando, aos 2 anos, começou a frequentar a Escolinha Tio Patinhas. Cristiane ainda é muito nova para ir à escola e por isso tem de permanecer em casa, sob os cuidados da babá. Mesmo confiando na babá, Walkiria está sempre se preocupando: trabalha fora o dia todo. Com isso, contribui para manter o orçamento doméstico num determinado padrão, ao mesmo tempo que põe em prática alguns conceitos relativos à emancipação feminina. Nem por isso deixa de sonhar com o tipo de trabalho ideal: um trabalho que dure apenas meio período e que lhe deixe mais tempo para estar em casa com os filhos.

Maria também tem dois filhos, um de 4 anos (Mario Celso) e outro de 2 anos e meio (Mauricio José). Hoje, os dois dão menos preocupações, porque vão todos os dias para a escola, mas já houve tempo em que era necessário pagar babá. De qualquer jeito, as preocupações continuam: se antes uma babá não se conseguia com facilidade, hoje é necessário pagar o transporte para as crianças irem à escola (150 cruzeiros), além da mensalidade, de 120 cruzeiros para cada uma.



Walkiria Lang Hasson



Maria Midoni Fernandes

Com o salário que ganha, somado ao do marido, Maria tem condições de fazer frente a essas despesas, não sem queixar-se dos altos preços do transporte e da mensalidade. E Walkiria está no mesmo caso. Contudo, ambas prefeririam pagar — até mais, se fosse o caso — para ter um creche junto ao seu local de trabalho, como acontece com os funcionários da Secretaria da Viação e Obras Públicas, do Departamento de Águas e Energia Elétrica, do Departamento de Obras Públicas, da SAEC e do Departamento de Administração (todos esses órgãos localizados no mesmo edifício, no início da av. Brigadeiro Luís Antonio).

A creche instalada no último andar do edifício e aproveitando um terraço ali existente, acolhe diariamente cerca de 90 crianças, todas de funcionários locais. As idades vão

de 3 meses a 6 anos e as crianças são divididas em quatro grupos: a) de 3 meses a 1 ano; b) de 1 ano a 2 anos c) de 2 anos a 4 anos; d) de 4 anos a 6 anos.

Pesquisando entre as próprias funcionárias que trabalhavam no prédio em várias funções, o Departamento de Administração verificou que muitas delas eram professoras. Realizou uma seleção e, do próprio quadro de pessoal, retirou dezessete funcionárias, que se revezam em dois turnos de trabalho na creche, nas tarefas de tomar conta das crianças, dando-lhes toda a assistência, recreação, alimentação e educação.

A creche funciona das oito — às dez horas — com médico, retirado também dos quadros da DA, dedica diariamente duas ou três horas para a assistência às crianças.

O dr. Samuel Carlik, diretor geral do D.A. calcula em 4 mil cruzeiros as despesas mensais com alimentação. Praticamente não há outras despesas, porque a folha de pagamento não foi alterada, em virtude do remanejamento de pessoal.

A operária Maria Cruz dos Santos, que trabalha numa tecelagem do Tatuapé, não está em condições de pagar creche e escolinha para seus três filhos (Maria Helena, de 4 anos, Luiz de 2 anos e Miro de apenas 5 meses). Tampouco pode manter empregada ou babá.

"Deixo em minha sogra, que também toma conta de outros dos netos dela, lá no Parque do Jorge. Mas é muito ruim. Tenho que levantar mais cedo pra levar as crianças e fico muito preocupada principalmente quando tem algum doente."

Maria Cruz nem sabe que tecelagem onde trabalha, teoricamente, pela lei, seria obrigada a manter uma creche na própria fábrica, pelo menos para o caso de Miro, seu filho mais novo. Com 5 meses, Miro ainda se encontra dentro do chamado período de amamentação, que os médicos geralmente consideram que vai até os seis meses de idade.

No entanto, a lei que trata desse problema é muito velha e cheia de falhas. Seu texto está sujeito a mais uma interpretação e não é suficien-

temente conclusivo. Por isso mesmo, são ainda raras as indústrias que reservam uma parte de suas instalações para a manutenção de uma creche. Diz o artigo 389 da Consolidação da Lei do Trabalho, em seu parágrafo único:

"Quando não houver creches que atenda convenientemente à proteção da maternidade, a juízo da autoridade competente, os estabelecimentos em que trabalharem pelo menos trinta mulheres, com mais de 16 anos de idade, terão local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar, sob vigilância e assistência, os seus filhos no período de amamentação."

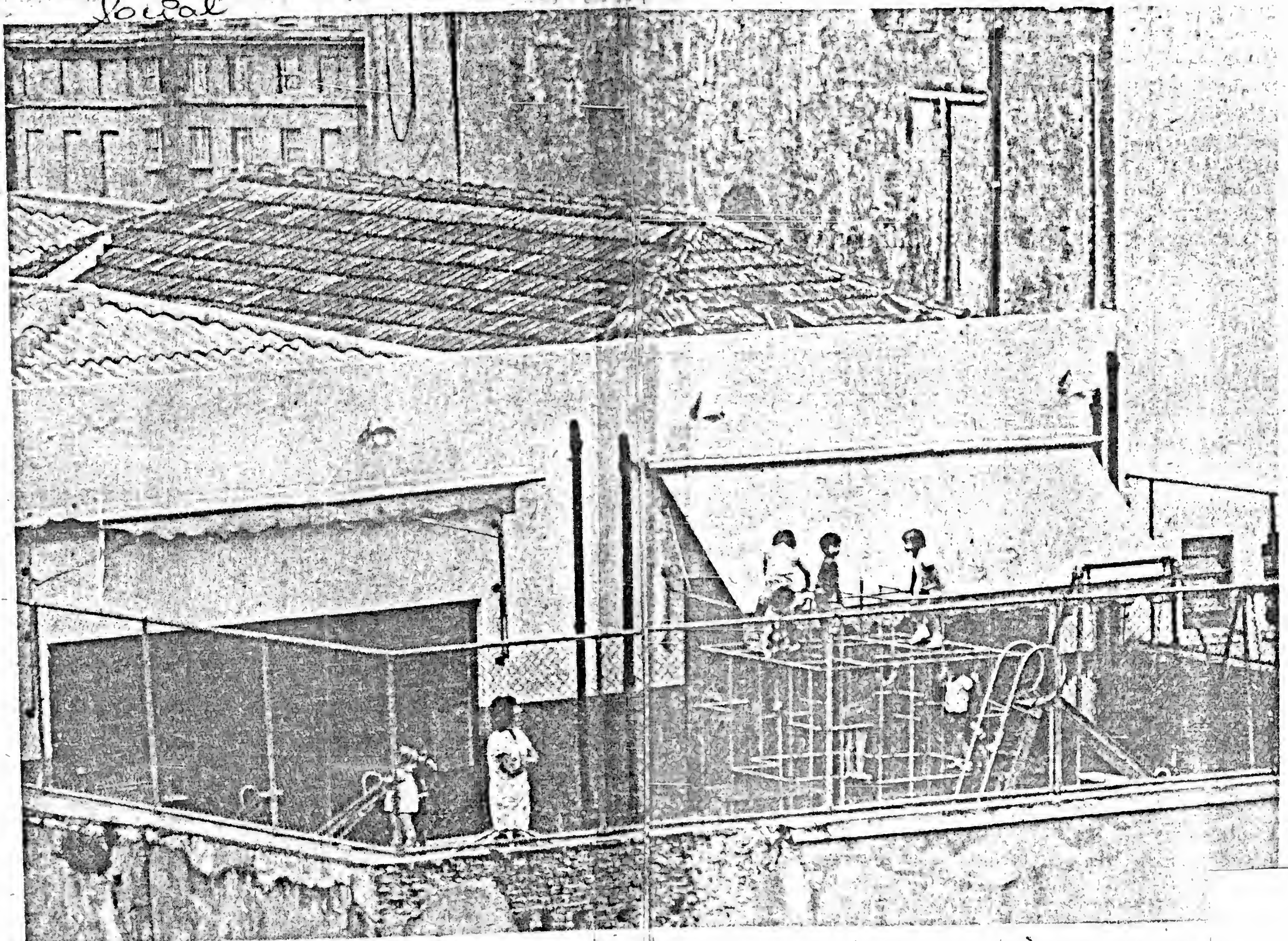
Essa lei data de 1942 e desde então não sofreu nenhum aditamento ou restrição. Os órgãos que congregam as indústrias, como a Federação Nacional e o Centro das Indústrias, ou ainda, os órgãos que trabalham no campo da assistência social junto à indústria, como o SESI, aconselham normalmente seus filiados a dar, sempre que possível, novos passos no sentido de concretizar os preceitos da lei.

Maria Creuza sabe dos parques infantis mantidos pela Secretaria do Bem Estar Social, mas afirma que não conseguiu vaga, nas duas tentativas que realizou. A própria Secretaria reconhece que, apesar do esforço contínuo desenvolvido no sentido de dotar a cidade com um número cada vez maior de

parques e centros infantis, a tarefa não é possível de ser realizada em pouco tempo.

Dora Pinto da Silva, secretária, teve sorte: conseguiu uma vaga para seu filho Alcides, de 5 anos de idade, no parque infantil do Mandaqui. Só tem que pagar 50 cruzeiros da perua que faz o transporte. Por isso poderia trabalhar mais ou menos sossegada, se não fosse mãe de Monica, uma menina de apenas 4 meses de idade. Para ela, Dora tem que pagar babá (250 cruzeiros).

"No meu caso, eu trabalho porque preciso ajudar o meu marido. Se não fosse por isso, ficaria em casa. As crianças sentem muita necessidade dos pais. Quando chegamos em



No alto do edifício um lugar para as crianças brincarem.

casa, eles demonstram isso; aí a gente tem que se esforçar para dar a eles, em uma ou duas horas, tudo o que deixamos de dar, em matéria de carinho, durante um dia inteiro”.

Noemi Santos Storfer, cujo marido desfruta de ótima situação financeira, não teria nenhuma necessidade de trabalhar, se visse o problema apenas pelo lado do dinheiro. Mas, seis anos atrás, frequentadora costumeira do Colonial Cabedelo, tomou de repente uma decisão: montar um instituto de beleza.

Seus amigos do Colonial e do Antoine, compareceram no dia da inauguração e preveniram: “você vai enjoar disso em menos de seis meses”.

Noemi não enjoou; ao contrário, foi ampliando o negócio, que hoje conta com duas seções, uma para mulheres e outra para homens, na rua Avanhandava. Continua trabalhando fora (se bem que só por algumas horas diariamente) e afirma:

“Quando me decidi a montar o instituto foi por achar que, se a mulher fica sempre em casa, cuidando dos filhos e do marido, acaba se tornando bitolada.

Continuo pensando assim, principalmente agora, quando meus filhos já estão criados e a cada dia que passa se mostram sempre mais distantes dos da minha geração. Creio que a abertura proporcionada pelo fato de estar sempre em contato com outras pessoas e com o mundo fora do lar, me dá condição para entender esses novos conceitos e evitar possíveis choques de geração”.

No caso de Noemi Storfer isso talvez seja facilitado, também, pela maior idade dos filhos. No caso de Walkiria Hasson, o problema pode ser mais delicado. Sua filha Gisele tem apenas dois anos e meio e, mesmo absorvida durante o dia todo com a escola Patinhas, solicita continuamente tanto a Walkiria como a seu marido, quando estes chegam, à noite.

“Para dizer a verdade, isso está me preocupando tanto que acabo de vir do psicólogo. Fui conversar com ele para saber a melhor maneira de evitar problemas para minha filha.

De minha parte, já cheguei a uma conclusão: se depender de mim, minha segunda filha, a Cristiane, não irá tão cedo para a escola, como foi Gisele. Dois anos é uma idade insuficiente para se mandar uma criança à escola”.

Centros infantis em conjuntos

Projeto que autoriza a Prefeitura a receber, em doação, três áreas de terreno de propriedade da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo — COHAB — situadas nos conjuntos residenciais de Bororé (Santo Amaro), Guaianases e Sapopemba (Alto da Mooca), foi enviado à Câmara pelo prefeito Figueiredo Ferraz, para votação dentro de 40 dias.

Naqueles locais, a Prefeitura construirá e instalará centros infantis, dotando-os de infraestrutura e equipamentos adequados à função social dos conjuntos residenciais. A área de Bororé mede 2.152 metros quadrados; a de Guaianases, 4.533 e, a de Sapopemba, 2.132 metros quadrados.

Na exposição de motivos que acompanha o projeto, o prefeito Figueiredo Ferraz esclarece que, de acordo com os modernos conceitos referentes à matéria, "não basta construir habitações: é necessário dotá-las de equipamentos urbanos de cultura, saúde e lazer, e de sistemas de infraestrutura".

Esclareceu, também, que a COHAB, cuja finalidade principal é tornar possível as classes menos favorecidas a aquisição de casa própria, decidiu doar ao Município algumas áreas de terreno para construção e instalação de centros infantis, empreendimento que consta do programa da Secretaria do Bem Estar Social, através do seu Departamento de Integração Social. Para o prefeito Figueiredo Ferraz, a doação e implantação desses centros representam uma soma de esforços, "cujo objetivo é levar maiores benefícios à população dos conjuntos habitacionais".

Outro projeto que o prefeito enviou à Câmara, para ser votado dentro de 40 dias, aprova plano de fixação de alinhamentos da rua Primeiro de Maio, na Saúde, desde a Estrada do Cursinho até a travessa Particular, com largura de 10 e extensão de 800 metros.

A medida estabelecerá limite correto entre a propriedade particular e o leito da rua, bem como dotará a via pública de largura condizente com as necessidades do tráfego local. Além disso, corrigirá os alinhamentos irregulares e possibilitará concordância de alinhamentos da rua Primeiro de Maio com as ruas transversais.

Amor e carinho num lar para crianças

Quem quiser conhecer uma instituição de assistência que realiza um trabalho elogiável, pode chegar a Nossa Casa da Criança, na Chacara Santana, na região de Santo Amaro. Lá encontrará setenta meninos e meninas, de 2 a 12 anos, tratados com carinho e dedicação. Trinta vivem em regime de internato, as demais chegam pela manhã, passam o dia todo no lar, brincam, estudam e voltam à noite aos seus lares humildes. As que não moram na Nossa Casa da Criança gostariam de ficar vivendo ali, é o que todas dizem, quando consultas. Um gesto das crianças, chega a ser comovente: quando se pergunta se elas gostam da casa onde passam o dia e onde moram, elas riem levantam o polegar da mão direita e respondem: — positivo! "Essa palavra define a maneira como se desenvolve o trabalho das senhoras que criaram e integraram-se na obra de assistência social.

AMOR, MUITO AMOR

A Nossa Casa da Criança foi fundada há mais de dez anos e hoje tem prédio próprio, na rua Teodoro Saavedra, 9. O padrão de assistência é muito bom, a começar da alimentação que é farta e bem preparada. As crianças internas e semi-internas são tratadas com amor, muito amor. Sente-se que a seleção do pessoal foi feita tendo em vista a natureza do trabalho. A cozinheira é uma criatura alegre, que prepara a comida como se estivesse cuidando de seus filhos. E as pagens e meninas mais velhas cuidam das pequeninas como se acarinhasssem as irmãs mais novas. Ao visitante a tristeza de saber que há tantas crianças orfãs, é compensada pela alegria de ver como é possível, com dedicação, devolver-lhes a alegria perdida.

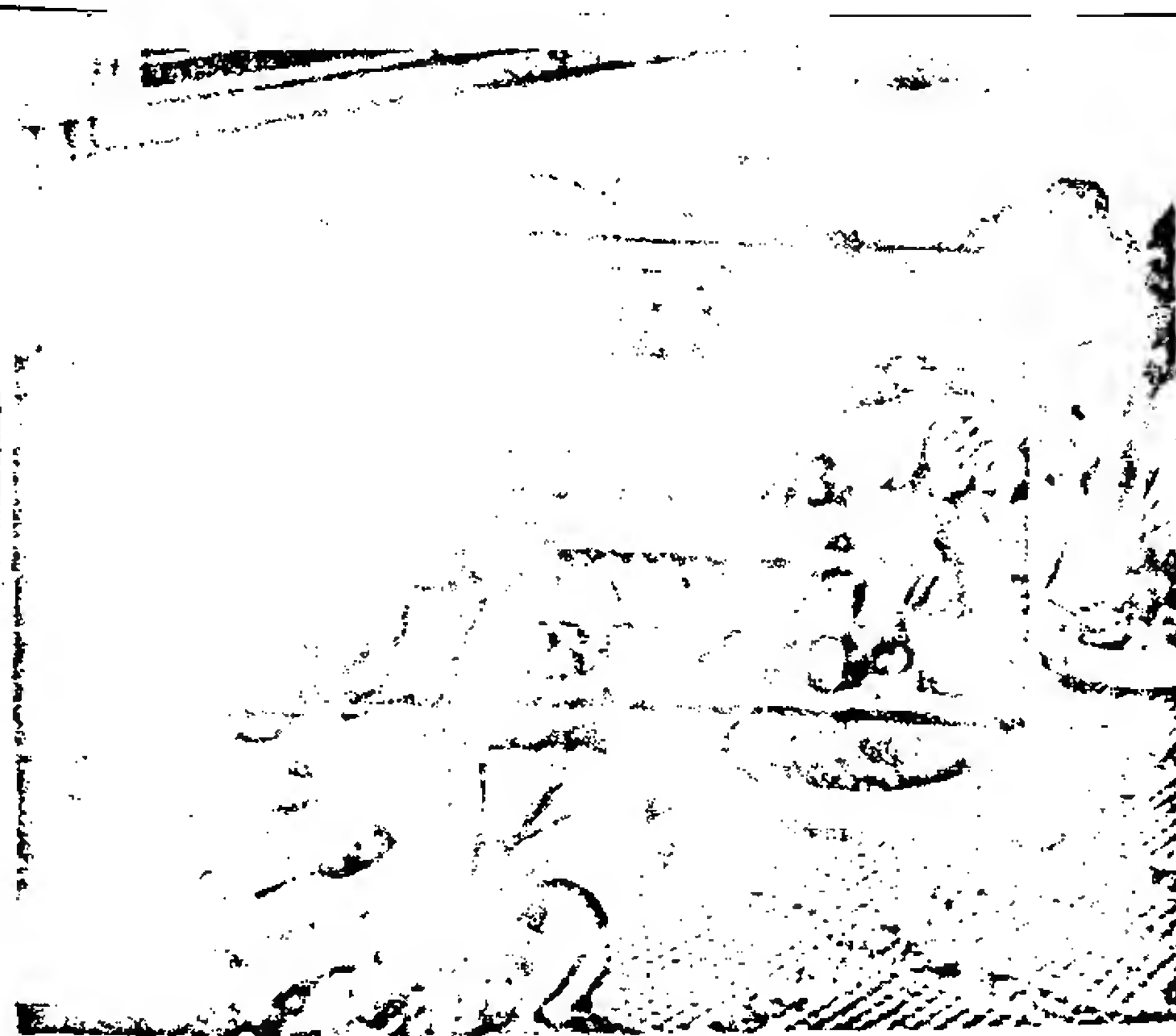
CAMPANHAS

As crianças mais novas

brincam o dia todo. As mais velhas são alfabetizadas e preparadas depois por professores da casa para cursarem o primário, sem necessidade de procurar escolas fora. Quando os meninos atingem 7 anos e as meninas, 12, são destinadas a outras instituições que a Nossa Casa da Criança escolhe. Como vive essa instituição, que enfrenta enormes despesas? A casa foi doada por um filantropo e sofreu obras de ampliação. Para que as crianças sejam bem alimentadas, estudem e vivam como se tivessem um lar de família de classe média, a entidade que as beneficia realiza campanhas e recebe, de convenios com a Prefeitura e o Governo do Estado, determinadas importâncias, que devem ser completadas sempre. Por isso, as campanhas de angariação de fundos são frequentes e alcançam êxito porque quem contribui fica sabendo que o que dá é muito bem empregado. A Nossa Casa da Criança merece maior divulgação e recebe com alegria donativos em alimentos e dinheiro, como também em brinquedos, roupa para as crianças e de cama, mesa e banho. O que for doado, terá sempre a melhor aplicação, inclusive em mercadorias para a realização de bazares.

O CAMINHO

O melhor mesmo, é conhecer a casa. Em Santo Amaro, quem sai do largo do Socorro, deve tomar a av. Guarapiranga até a estrada de M'Boi Mirim e na altura do número 1.100, entrar à direita, ou melhor, na rua Humberto de Almeida. A Nossa Casa da Criança fica na primeira travessa dessa rua. E quem quiser ajudar, esperando que os donativos sejam recolhidos em casa, pode servir-se de dois telefones: 81-9697, da. Carola Kosuta e 61-1436, da. Iris Bezerra.



A caçulinha da Nossa Casa da Criança recebe comida na boca, da sua babá.

Direitos Humanos

Os direitos da criança

No ano de 1950, dois anos depois da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Assembléia Geral das Nações Unidas proclamou, também, a relação dos Direitos da Criança. Ninguém deixa de entusiasmar-se ao ler os nove princípios que a constituem:

O triste é que decorridos 23 anos, milhões de crianças, em todos os continentes, ainda se encontram à espera da justiça e do amor que lhes é devido...



PRINCÍPIO I.º — A criança gozará todos os direitos enunciados nesta Declaração. Todas as crianças absolutamente sem qualquer exceção, serão credoras deste direito, sem distinção de discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família.

PRINCÍPIO II — A criança gozará proteção especial e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por Lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. Na instituição de leis visando a este objetivo, levar-se-ão em conta, sobretudo, os melhores interesses da criança.

PRINCÍPIO III — Desde o nascimento, toda criança terá direito a um nome e a uma nacionalidade.

PRINCÍPIO IV — A

criança gozará os benefícios da previdência social. Terá direito de crescer e criar-se com saúde. Para isto, tanto à criança como à mãe, serão proporcionados cuidados e proteção especiais, inclusive adequados cuidados pré e pós-natais. A criança terá direito à alimentação, habitação, recreação e assistência médica adequadas.

PRINCÍPIO V — A criança incapacitada física, mental ou socialmente serão proporcionados o tratamento, a educação e os cuidados especiais exigidas pela condição peculiar.

PRINCÍPIO VI — Para o desenvolvimento completo e harmônico de sua personalidade, a criança precisa de amor e compreensão. Criar-se-á sempre que possível aos cuidados e sob a responsabilidade dos pais, e, em qualquer hipótese, num ambiente de afeto e de segurança moral e material. Salvo circunstâncias excepcionais, a criança de tenra idade não será separada da mãe. A sociedade e as autoridades públicas caberá a obrigação de propiciar cuidados especiais às crianças sem fa-

mília e àquelas que carecem de meios adequados de subsistência. É desejável a prestação de ajuda oficial e de outra natureza em prol da manutenção dos filhos de família numerosa.

PRINCÍPIO VII — A criança terá direito a receber educação, que será gratuita e compulsória pelo menos no primeiro grau primário. Ser-lhe-á propiciada uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a, condições de iguais oportunidades, desenvolver suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social, e tornar-se um membro útil à sociedade.

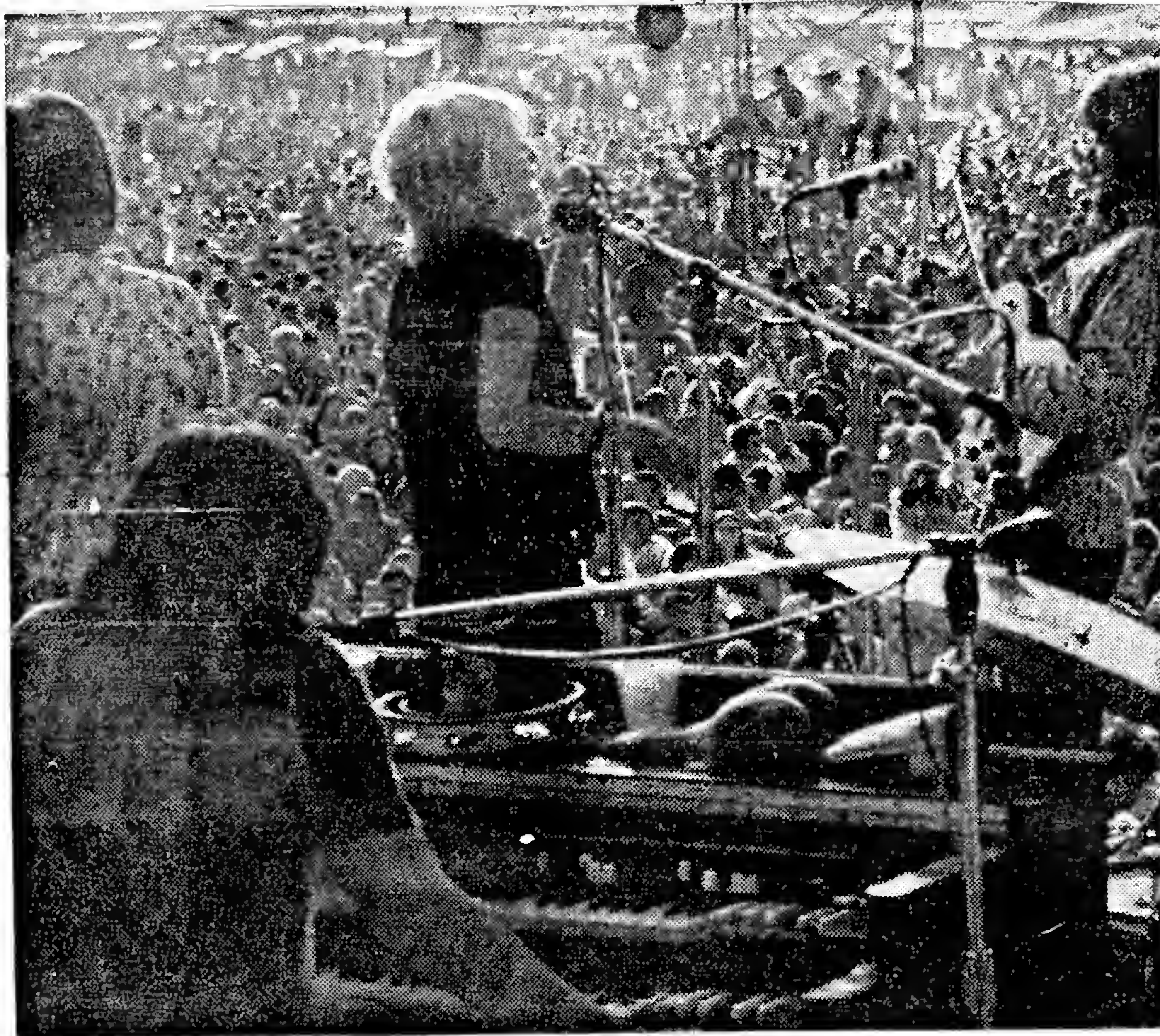
Os melhores interesses da criança serão a diretriz a nortear os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais.

A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se visando aos propósitos mesmos de sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.

PRINCÍPIO VIII — A criança figurará, em qualquer circunstância, entre os primeiros a receber proteção e socorro.

PRINCÍPIO IX — A criança gozará proteção contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração. Não será objeto de trabalhos; não será objeto de tráfico, sob qualquer forma; não será permitido à criança empregar-se antes da idade mínima conveniente; de nenhuma forma será levada ou ser-lhe-á permitido empenhar-se em qualquer ocupação ou emprego que lhe prejudicar a saúde ou a educação ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

PRINCÍPIO X — A criança gozará proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Criar-se-á um ambiente de compreensão, de tolerância de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e uma plena consciência que seu esforço e aptidão devem ser postas a serviço de seus semelhantes.



Nova geração

O chamado “poder jovem”

Pe. Zezinho scj

Não sei se você ouviu falar de um assunto que andou em voga por muito tempo, há uns cinco anos atrás. Agora, já não se menciona mais, por ter perdido seu significado e porque acabou sendo mais um dos muitos descaminhos de gente que, infelizmente, não mediu bem as consequências do que propunha. Falo do chamado PODER JOVEM.

Não vou dizer que ele não existe. O número de jovens que povoa o mundo não pode ser menosprezado. Nem o tremendo potencial que ele carrega em seu bojo. Os jovens realmente podem muita coisa e, quando bem conduzidos ou acompanhados, são como aquele algo mais de que tanto se fala por aí.

Houve, contudo, quem quisesse falar de poder jovem como uma força que, independente dos adultos, iria mudar o curso da história. Bob Dylan, num de seus L.P.s, dizia isso bem claramente quando, pela voz de Simon e Garfunkel e muitos outros cantores, gritava aos quatro cantos do mundo: “The times, they are a’changing”: Os tempos estão mudando.

Entre muitas coisas ele gritava: — Vocês, gente velha, cale a boca e não se metam a criticar o que não são capazes de entender. Seus filhos e filhas estão além do seu controle. Quem não aderir, vai afundar como pedra na água.

Porque um mundo novo está começando. Os tempos estão mudando...

Realmente os tempos mudaram. Mudaram para melhor, se compararmos aos de hoje os jovens revoltados e quase que onipotentes de alguns anos atrás, que chegavam mesmo a querer a perpetuação do abismo entre eles e os adultos que nunca seriam capazes de os entenderem e fugiam do diálogo.

Muitas músicas falavam disso: juventude incompreendida! Eu mesmo vi vários shows de T.V. e vários filmes acentuando esse tópico. Tornou-se clássico o confronto filhos e pais, jovens e adultos.

Com isso ninguém lucrou. Muitos adultos ficaram com medo daquele terrível apelido de “quadrados” e perderam suas convicções perante os jovens. Muitos jovens caíram na euforia do “eu—sou—jovem—logo—sou—muito—importante—porque—a—juventude—é—a—fase—mais—linda—da—vida”.

Na realidade havia um poder jovem naquele tempo pressionando gente que não queria ceder nem um passo. O poder jovem se manifestou na rebeldia de comportamento, de trajés, de linguagem, de expressão e inclusive de moralidade. Muito daquilo ainda continua hoje, mas com bem menos divisionismo ou alarde.

As manifestações políticas, por exemplo, desde Paris a Berkeley, desde John Hopkins a Upsala, desde Rudi Deutsch a John Lennon, acabaram por terminar como protesto bem ensaiado que não chegou a lograr o intento de seus organizadores. A maioria dos jovens que se envolveu, não tinha o preparo e a maturidade para levar a coisa até ao que se propunha. Infelizmente muitos caíram na violência, fazendo confronto de poder pela força. Decididamente a violência não é coisa que caiba muito bem no ser humano, menos ainda num jovem.

O poder jovem poderia ter ajudado muito e mudado muita coisa.

Pena que, ao invés de juntar forças com o poder adulto, acabou por entrar em conflito como se um excluísse o outro. O carro da mudança não andou, porque as forças caminharam em direção oposta.

Quem sabe o poder jovem volte a acontecer. Basta que não seja considerado o oposto do poder adulto. Injustiça não é a mesma coisa que maturidade. Ela acontece em qualquer idade. Dai porque, para um mundo mais justo, é preciso o poder dos justos, não importa qual a idade que tenha.

Será que não foi isso que andou esquecido no tempo da euforia do poder jovem?

A emancipação da mulher no mundo civil e no cristianismo

Vale a pena entrar no assunto. Há muitas maneiras de enfocá-lo. O articulista de *Teocomunicação*, outubro de 1973, n.º 17, ano 3, pgs. 27-41, reserva sete páginas das 15 que compõem o artigo "Os Direitos Humanos e a Pazem in Terris", reserva-as, repito, ao estudo da mulher e os direitos humanos, da mulher no mundo civil e do Cristianismo e emancipação da mulher. Assina o artigo: **Olírio Plínio Colombo**. Curioso e ilustrativo o que escreve o autor, levantando vários pontos para debate e questionamento.

A MULHER E OS DIREITOS HUMANOS

Dentre os fenômenos que caracterizam a nossa época, a "Pacem in Terris" cita o da nova posição da mulher: "Em segundo lugar, o fato por demais conhecido do ingresso da mulher na vida pública: mais acentuado talvez em povos de civilização cristã; mais tardio, mas em escala considerável, em povos de outras tradições e cultura. Torna-se a mulher cada vez mais cônica da própria dignidade humana, não sofre mais ser tratada como um objeto ou um instrumento, reivindica direitos e deveres consentâneos com sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida social." (P. in T., n. 41).

A EMANCIPAÇÃO FEMININA NÃO É UM FATO CONSUMADO

Olírio Plínio, comentando o conteúdo do texto citado, escreve: "De fato, é possível constatar um certo progresso no campo da emancipação feminina. E é louvável que a Igreja reconheça isso. Devemos constatar apenas que a emancipação feminina não é ainda um fato consumado. As mulheres ainda estão tateando na busca de sua verdadeira identidade e emancipação. Muitos movimentos feministas reivindicativos não descortinam muito bem as finalidades e caem em ridículo. Outros movimentos mais humildes e menos espalhafatosos procuram a verdadeira emancipação feminina. Esses devem ser apoiados pela Igreja e pelas comunidades políticas. Está na hora de reconhecer os direitos da metade dos seres humanos. Afirmamos isso porque a história nos mostra que a mulher foi considerada, na cultura

ocidental, tanto nas comunidades políticas como nas Igrejas, como ser de segunda categoria. Nós não falaremos das culturas orientais."

O autor passa em revista a situação histórica da mulher no Ocidente, revelando a mentalidade civil e a mentalidade eclesástica

A MULHER NO MUNDO CIVIL

O pensamento grego a respeito da mulher influenciou a mentalidade ocidental, muito marcada pela civilização helênica. Para Homero, que não te-

ve bons discípulos, a humanização (antropoestasi) está na força, no combate, na bravura do guerreiro. Mas ele "reconhece a cortesia, a beleza e a inteligência de Helena de Tróia". Só ele, Hesíodo, inimigo da mulher, julga-a incapaz de raciocinar e chama de **mal-dita** a raça das mulheres. No século V antes de Cristo, as mulheres gregas só tinham direito à educação dos filhos até os seis anos deles. Nenhum direito à instrução (consideradas incapazes de aprender). Assistiam às tragédias gregas, mas não representavam.

Até os papéis femininos das peças cabiam aos homens. O sogro e o genro é que decidiam sobre o casamento, não havendo escolha mútua. As únicas mulheres com "alguma influência na vida pública" eram as hetéras, cortesãs dissolutas e instruídas, na Grécia. "A cultura grega foi masculina e pederasta", afirma Olírio. Atenas, Esparta e Tebas se ressentem da convivência com o sexo feminino. "Em Tebas... havia até o exército composto de amantes e amados". Para

as, a mulher é um animal especialmente lascivo, um macho acidentado, biologicamente inferior ao homem, incapaz de vida pública por ser individualista, legalmente de minoridade. Isto não obstou que, após a morte da esposa, Pythias se casasse com uma ex-prostituta. Platão não é explícito. No amor platônico, tão característico dos "trovadores",



a "dama, espécie de anjo, é amada platonicamente, isto é, em continência perfeita". O ponto positivo do amor platônico ou cortês cantado pelos trovadores foi despertar nas mulheres a idéia do amor-peixão.

Em resumo, o Ocidente ficou marcado até hoje pela teoria do "sexo fraco", da inferioridade biológica da mulher, da sua incapacidade intelectual e profissional. Rousseau e os Enciclopedistas repetem a afirmação de Schopenhauer: "As mulheres formam um grau intermediário entre a criança e o homem, o qual, falando com propriedade é o único tipo de humanidade". No campo civil, ou, melhor, no campo do direito, apesar de terem mudado certas leis, há desigualdade, discriminação sexual e muitos preconceitos transpiram da formulação dos códigos. Sintomática, na América Latina, a dupla moral do homem: "o homem latino-americano vê sua mulher, suas filhas, suas irmãs, sua mãe, como intocáveis. Mas as outras mulheres são possíveis amantes." Emancipar-se não é adotar o estilo dos homens mas ser mulher é aloverizar a feminilidade é ter a consciência dos próprios valores e conquistar os direitos de pessoa humana. O autor não crê na "mística do eterno feminino" de G. von La Fort.

CRISTIANISMO E EMANCIPAÇÃO DA MULHER

O autor acha que a Igreja

foi condicionada pela cultura, condicionando por ela a mensagem de Cristo. Diz: "A Igreja, encarnação do reino de Deus neste mundo, sofre as influências da cultura na qual vive. A encarnação ou aculturação da Igreja é necessária. As limitações de uma cultura podem implicar num condicionamento da mensagem de Cristo. E isso, de fato, aconteceu na Igreja. No Gênesis, "o texto que narra a queda já apresenta problemas. Eva teria atendido as solicitações da serpente em primeiro lugar." "A Bíblia, contendo elementos da cultura hebraica, é ambigua com respeito à mulher". E lembra que ao lado de figuras femininas destacadas e importantes pela fé, bravura e fidelidade, vêem-se mulheres infelizes despachadas sem piedade só porque não eram férteis. Severa punição do adultério feminino. Salomão é típico exemplo do varão que revela riqueza e poder pelo número de suas mulheres. Como se fossem objeto de ornamentação.

Jesus sim, equilibrado e clarividente na questão do posto da mulher no mundo, condena a desigualdade em relação ao adultério. Jesus não demonstra preconceitos para com as mulheres. Aceita a companhia, amizade e trabalho das mulheres. Não condena o sexo. Afirma que os casados serão "dois numa só carne". Mas "os códigos de ética familiar de São Paulo são androcêntricos e andro-

cráticos". A maternidade apregoada pela burguesia e a virgindade encarecida pelos Santos Padres deixaram para a mulher apenas duas saídas: matrimônio (mãe) ou a vida religiosa sendo mal vista na sociedade burguesa, a solteira. Santo Alberto Magno, Santo Tomás focalizam imperfeição biológica, intelectual e funcional (a mulher é passiva na geração é o receptáculo da semente) do ser feminino e funestas conseqüências para a vida familiar, a organização social e o direito. O Direito Canônico se ressentia desta mentalidade. "Isso não é muito agradável para a Igreja Católica", diz Olirio. E ainda "Com a Pazem in Terris" o Concílio Vaticano II, Igreja Católica parece mudar de mentalidade. A esta mudança é apenas teórica."

CONCLUSÃO — Apresentei as observações e conceitos do autor. Em muitos pontos a meu ver ortodoxos, válidos e corosamente propostos, mas porém, que, pecando vezes pelas mesmas limitações de uma cultura caso, a de uma atual, cessiva negação do passado e de uma ótica anacônica). Não vejo razão para minimizar o que a Igreja fez para promover a mulher. A percha de modo do corpo, do sexo, atribuído ao cristianismo pelo máximo atribuir-se alguns cristãos. Mas o argumento é válido.

(Do "Lutador" — 18-11.